

MUDANÇA DE CENÁRIO

* Roberto Rodrigues

Mais uma vez o PIB brasileiro foi salvo pela agropecuária. E nem se fale de agronegócio, com todas as suas correntes de produção, cujo PIB somado supera 20% do total do país. Só estamos falando do PIB da agropecuária (“dentro” das porteiras das fazendas) que em 2013 cresceu 7%, enquanto o do Brasil todo cresceu 2,3%, sendo que o aumento do setor industrial ficou em 1,3% e o de serviços em 2%. Estes dados do IBGE são explicados por um grande crescimento da soja (24,3%), do milho (13%) e da cana de açúcar (10%).

Toda gente sabe que este salto da agropecuária se deveu a 2 fatores principais: a uma safra recorde devido às boas condições climáticas e também aos bons preços internacionais das principais commodities, ainda acima das médias recentes.

O referido crescimento de 2,3% do PIB brasileiro tem sido considerado pelos analistas em geral como pequeno, quando comparado aos demais países emergentes. No entanto, foi maior do que o da União Européia e também dos Estados Unidos, e não deve ser considerado pífio, embora, realmente, o Brasil pudesse ter crescido muito mais. Isso fica mais evidente quando se analisam os dados de comércio exterior: as exportações cresceram 2,5%, e as importações, 8,4%. E aqui a presença do agronegócio foi espetacular, com um superávit de 83 bilhões de dólares, enquanto o do país todo foi de apenas 2,6 bilhões. Em outras palavras, de novo o agro salvou o saldo comercial também.

Para 2014, estima-se um aumento do PIB do agronegócio da ordem de 4%, com uma nova safra recorde de grãos, apesar das frustrações observadas em regiões diversas do país, algumas com seca e outras com excesso de chuvas. Se este resultado for confirmado, o PIB do setor terá crescido 34% em dez anos.

Muito bem, números ótimos, e por trás deles há uma explicação mais relevante que um bom ano agrícola com preços favoráveis: é a tecnologia. Anos seguidos da aplicação de novas técnicas geradas em nossos órgãos de pesquisa e universidades são os verdadeiros responsáveis por estes saltos espetaculares. E esta é a grande diferença do setor rural: modernizou-se o campo a duras penas, de forma incomparável com outros setores.

No artigo de fevereiro da Globo Rural, que preparei no começo de janeiro, estava escrito: “O fato real, quando se trata de agricultura, é que São Pedro não liga se tem carnaval ou eleições e vai conduzir o clima à sua maneira, sem dar bola para os mortais que não se entendem e ficam olhando para o céu todos os dias, uns pedindo para não chover e outros implorando por mais água. E ainda: mercados globais, nos quais as commodities são negociadas, também não se comovem com Semana Santa e Copa do Mundo. A oferta e a procura funcionam até no Natal e no Réveillon, sem possibilidade de revogação. Sendo assim, se tudo correr normalmente, os analistas indicam uma ligeira redução dos preços da soja e problemas mais fortes em milho, café, algodão, cana-de-açúcar, laranja, tudo por causa de crescimento maior da oferta do que da procura... Nada muito espetacular, de modo que não se esperam grandes mudanças na roça brasileira, salvo se São Pedro enfezar de vez, dando mais espaço às helicoverpas da vida. Ou se o câmbio surpreender mais...”

Pois bem, São Pedro enfezou e nos castigou bastante, e as premissas mudaram completamente: safra menor, preços maiores.

Mesmo assim, estamos assistindo de novo ao velho problema da logística, dos custos crescentes fora das fazendas, da incompetência pública.

Até quando o agro terá de pagar por isso também?

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**